

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E DANÇA
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Natália Bender

**RELAÇÕES DE GÊNERO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA DE UMA
ESCOLA PÚBLICA DE PORTO ALEGRE - RS**

Porto Alegre
2015

Natália Bender

**RELAÇÕES DE GÊNERO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA EM UMA
ESCOLA PÚBLICA DE PORTO ALEGRE - RS**

Monografia apresentada à Escola de
Educação Física, Fisioterapia e Dança da
Universidade Federal do Rio Grande do
Sul.

Orientadora: Prof. Dra. Silvana Vilodre Goellner

Co-orientadora: Me. Suélen de Souza Andres

Porto Alegre

2015

Natália Bender

**RELAÇÕES DE GÊNERO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA EM UMA
ESCOLA PÚBLICA DE PORTO ALEGRE - RS**

Conceito final:

Aprovado em dede.....

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Alex Branco Fraga

Orientadora – Prof^a Dr^a Silvana Vilodre Goellner– Universidade Federal do Rio
Grande do Sul

AGRADECIMENTOS

Pessoas passam pelas nossas vidas com algum motivo, algumas ganham uma importância maior em relação às outras, porém influenciam diretamente na minha trajetória e sou profundamente grata por isso.

Começo agradecendo aos meus familiares, especialmente os meus pais que sempre colocaram a educação como prioridade, me oportunizando as melhores condições para seguir estudando. Por terem me apoiado nos momentos mais difíceis e me incentivarem a continuar lutando em busca dos meus sonhos.

Ao meu irmão, que teve grande influência na minha escolha, me fez sonhar grande e me ajudou a realizar. Por estar sempre ao meu lado, convivendo diariamente e ser um exemplo acadêmico.

Aos meus professores (as) da ESEF, pelos quatro anos de convivência em sala de aula e corredores, anos esses em que aprendi com eles não só os conteúdos das disciplinas necessários para a minha prática profissional, mas também valores éticos e morais.

A professora doutora Silvana Vilodre Goellner, que além de ser minha orientadora na Bolsa de Iniciação Científica durante os primeiros dois anos da graduação (quando pude ter a oportunidade de expandir minhas ideias), me orienta na construção desse trabalho. Pela convivência e pelos aprendizados durante esse período.

A minha co-orientadora e amiga Suélen de Souza Andres por estar sempre disponível, seja para conversar nos meus momentos de angústias durante o TCC ou para me ajudar na realização do trabalho.

Ao Grupo de Estudos Grecco e integrantes do Centro de Memória do Esporte, onde vivi muitas experiências enriquecedoras e que trouxeram novo sentido a minha visão a respeito da Educação Física e das relações de gênero e sexualidade.

Ao meu namorado que me acompanhou desde o momento da aprovação do vestibular até hoje, sendo paciente e sempre me fazendo ver que todo esforço vale a pena.

Aos amigos que entenderam minha escolha e nunca me abandonaram mesmo que eu nem sempre estivesse por perto.

Aos vizinhos/amigos/irmãos do sétimo andar da Casa do Estudante da UFRGS que estiveram comigo durante dois anos e meio e acompanharam de perto meus desafios durante o TCC.

À vice-diretora, à supervisora e aos professores da escola por aceitarem participar da pesquisa e por disponibilizarem tempo para a realização da entrevista, mesmo com a rotina atarefada e o papel fundamental que exercem dentro da escola.

Ao Rodrigo Lopes, meu chefe e amigo por inúmeras vezes ceder tempo para que eu pudesse escrever trabalho e ao meu colega Marcelo Cé, que além de quebrar muitos 'galhos', muito me ensinou durante dois anos de convivência diária. Aos meus alunos e aluna pela convivência agradável, as risadas, e por tudo que aprendi com eles, pois o professor não só ensina o aluno, mas como também tem muito para aprender com eles.

Muito obrigada a cada um de vocês que fez com que essa jornada e todos os esforços valessem a pena!

“Existem diferenças biológicas no corpo das crianças, não podemos negar este fato. Porém, por vezes, tratamos as diferenças como sendo somente naturais e biológicas e esquecemos que estas, são construídas a partir do contexto social e cultural que as crianças estão inseridas.” (Simone Betinardi)

RESUMO

Esta pesquisa teve como objetivo analisar a percepção dos docentes de Educação Física e outros membros da equipe pedagógica sobre as relações de gênero nas aulas de Educação Física de uma escola estadual da cidade de Porto Alegre, onde as aulas ainda são realizadas em turmas separadas por sexo. A metodologia utilizada nesta pesquisa foi a descritiva, com abordagem qualitativa, utilizando como instrumento de coleta de dados entrevistas semiestruturadas. Em um primeiro momento foram elaborados os roteiros para cada entrevista e posteriormente a realização utilizando um gravador digital. Foram realizadas quatro entrevistas que posteriormente foram transcritas, sendo duas de docentes e duas da equipe pedagógica. Após o processo das entrevistas, as mesmas foram lidas com o intuito de identificar categorias de análise que foram contrastados com outras fontes de pesquisa. Por mais que se estude gênero há muito tempo, esta temática está presente no cotidiano escolar, porém necessita ser problematizada. A separação por sexo durante as aulas de Educação Física se justifica pela falta de motivação e interesse pelas aulas por parte das meninas. Isso indica que as meninas devem ser incentivadas as práticas esportivas para que se possa então pensar em aulas mistas que ofereçam oportunidades de equidade para todos (as).

Palavras-chave: Gênero, Educação Física, Escola.

ABSTRACT

This work had the objective to analyze the perception of teachers and others pedagogic staff members about the relations of genre in the Physical Education classes of a state school from Porto Alegre, where the lessons are still realized in separate groups by gender. The methodology used to achieve the objectives of this research was descriptive, with qualitative approach, using semi-structured interviews as data collect tool. At first moment, the scripts were made for each interview, and later the realization using a digital recorder. Were made four interviews that later were transcribed, two from teachers and two from pedagogic staff. After the interviews process, they were read to identify categories of analysis that were contrasted with other sources of research. Even though genre is long time studied, this thematic is present on the school routine, but needs to be problematized. Gender separation during Physical Education classes happens due to lack of motivation and interest of girls for the lessons. This indicates that girls should be encouraged to sports practice so that we can then think of mixed classes that offer equitable opportunities for all.

Keywords: Genre, Physical Education, School.

SUMÁRIO

1 MINHAS APROXIMAÇÕES COM A TEMÁTICA DE GÊNERO	10
2 GÊNERO E (CO)EDUCAÇÃO.....	13
3 DO OBJETIVO À REALIZAÇÃO DA PESQUISA	17
4 ANÁLISE E DISCUSSÃO.....	19
4.1 Trajetórias dos(as) entrevistados (as).....	19
4.2. Como acontece a divisão dentro da escola	21
4.3. As divisões nas aulas de Educação Física	23
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	31
REFERÊNCIAS	32
ANEXO A - Roteiro Professor 1	34
ANEXO B – Roteiro Professor 2.....	37
ANEXO C – Roteiro Equipe Pedagógica	39
ANEXO D – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	41

1 MINHAS APROXIMAÇÕES COM A TEMÁTICA DE GÊNERO

A Educação Física como disciplina que integra o currículo da escola sofreu muitas modificações no que respeita ao seu acontecer. Uma delas se relaciona com o acontecer das aulas que, eram realizadas em turmas separadas de meninos e meninas. Segundo Dornelles (2007), essa separação está diretamente associada às diferentes funções sociais que os homens e as mulheres exerciam na sociedade. Com o crescimento dos estudos de gênero, se percebe que através dessa prática perpetuavam-se preconceitos entre os sexos e as mulheres eram segregadas por serem consideradas o “sexo frágil”, o que possibilitou que perdessem o interesse em participar das aulas.

Ao olharmos para o lugar que as mulheres conquistaram na nossa sociedade atualmente percebemos que não foi sempre assim e que estamos passando por um processo de transição onde a mulher ainda luta por condições melhores. Muito se lutou e ainda há de lutar para que a mulher chegue a uma posição de equidade em relação aos homens. Na Educação Física Escolar e nas práticas esportivas não foi diferente. Primeiramente a mulher era excluída e não poderia participar do mundo esportivo como praticante. Gradativamente algumas conquistas aconteceram e elas passaram a praticar algumas modalidades esportivas, sobretudo, aquelas que não as deixassem masculinizadas. O seu corpo ganhava destaque nas práticas esportivas, enquanto o seu desempenho como atletas pouco era visado.

Nos dias de hoje praticamente não existem impedimentos oficiais e as mulheres podem praticar qualquer esporte. Ainda assim, há uma preocupação exacerbada com o culto a beleza, e valorização das características reconhecidas como femininas.

Muitas vezes ainda nos deparamos com situações nas quais as mulheres sofrem alguns preconceitos no campo das nas práticas esportivas bem como também nas aulas de Educação Física visto que por vezes ainda são identificadas como sexo frágil quando comparada aos homens. No entanto, as diferenças de performance e habilidades não estão relacionadas somente a questões biológicas, mas sim a uma condição social, na qual as meninas são estimuladas desde cedo a cuidar da casa, e se envolver em brincadeiras que não envolvam riscos, enquanto os meninos são incentivados desde muito cedo a praticar

os mais variados tipos de esportes, mais especificamente os coletivos que envolvem contato como o futebol, o basquetebol, e as lutas.

Muitas vezes uma menina que demonstra interesse em participar de outros esportes que não envolvam delicadeza e leveza, mas sim força e agressividade têm sua sexualidade questionada. Por exemplo, uma menina que joga futebol, por vezes é identificada como homossexual e masculinizada. O mesmo acontece com os alguns homens que praticam esportes que são considerados femininos. Futebol, basquetebol, lutas em geral são vistos pela sociedade como “esportes de homens”. Enquanto a dança, atividades de expressão e ritmo são consideradas práticas de mulheres.

Mesmo depois de muitos anos, existem ainda escolas que continuam utilizando a separação de sexos nas aulas de Educação Física e as justificativas para tal são muitas. Durante a graduação fiz parte do Grecco (Grupo de Estudos sobre Esporte, Cultura e História), no qual discutíamos sobre as temáticas de gênero e sexualidade e sobre as diversas situações que acontecem no cotidiano e nos questionávamos sobre o que está naturalizado na nossa cultura. Essa experiência me fez atentar o olhar para a separação das turmas o estágio obrigatório do curso de Licenciatura em Educação Física, no primeiro semestre de 2015. A mesma escola onde realizei o estágio foi escolhida para a realização do trabalho de conclusão do curso em razão de que a separação por sexo nas aulas de Educação Física ainda se perpetua.

Esta Escola de Ensino Médio da Rede Estadual localizada na região central da cidade de Porto Alegre e por isso atende estudantes de diversos bairros da cidade de Porto Alegre, sendo chamada pelo corpo docente e discente de escola de “passagem”. Conforme dados do Censo 2012, conta com uma infraestrutura de dezessete salas de aulas, biblioteca, refeitório, laboratórios de informática e ciências, duas quadras de esportes, sendo uma coberta e outra descoberta, pátio externo e área verde. Esta escola opta por trabalhar com turmas separadas por sexo nas aulas de Educação Física e foi a partir dessa experiência, onde pude ministrar aulas para uma turma só de meninas, que escolhi essa temática para analisar. Durante o período do estágio, me questionei inúmeras vezes o porquê dessa prática e a partir das dúvidas e inquietações, este acabou sendo o tema que escolhi para escrever meu trabalho de conclusão de curso.

Na escola que analiso, as aulas de Educação Física acontecem nos mesmos horários tanto para meninos quanto para meninas. Duas turmas são separadas em meninas e meninos e um professor fica com cada turma. O fato da escola ter dois professores de Educação Física disponíveis possibilita a separação por sexo. Talvez se não tivessem dois professores disponíveis, essa prática não aconteceria, ou pudesse acontecer de outra forma.

Como aluna das aulas de Educação Física de uma escola privada durante o Ensino Fundamental e Médio tive experiências de aulas separadas por sexo, sendo que as meninas tinham uma professora que optava trabalhar com conteúdos como danças, ginásticas, e esportes como voleibol, basquetebol e handebol, enquanto os meninos tinham um professor que focava suas aulas na competição esportiva. Quando realizávamos a aula junto com os meninos, os professores ressaltavam que eles deveriam ter cuidado com as meninas. Além disso, muitas vezes as regras eram adaptadas em função da presença das meninas nas aulas. Já em outra escola pública da rede municipal onde também estudei no final do Ensino Médio tive aulas mistas, em que na maioria das vezes o professor permitia que os discentes escolhessem entre o futebol e o voleibol.

Acredito que o meu trabalho possa contribuir para que os professores dessa Escola Estadual de Ensino Médio reflitam a respeito da separação de sexo nas aulas. Minha intenção/intuito com esse trabalho não é fazer com que os professores simplesmente passem a realizar as aulas em turmas mistas, mas sim que eles consigam se questionar e problematizar as questões de gênero e o formato das aulas de Educação Física. Nessa perspectiva, GOMES *et al.* (2000) trabalham com a ideia de que as aulas mistas não garantem o princípio de Coeducação.

Através dos estudos sobre a Coeducação começam então os movimentos para as aulas mistas na Educação Física Escolar, onde a ideia era promover oportunidades de equidade para meninos e meninas, considerando que estes (as) tiveram oportunidades diferentes de acesso às práticas corporais desde a infância.

Pensando nisso, este trabalho tem como objetivo analisar a percepção de docentes da disciplina de Educação Física e outros integrantes da equipe pedagógica de uma escola da cidade de Porto Alegre que integra a rede estadual de ensino, sobre as relações de gênero nas aulas de Educação Física. A partir dessa análise pretendo discutir se a escolha pela separação por sexo das turmas é a melhor opção e quais as consequências dessa prática.

2 GÊNERO E (CO)EDUCAÇÃO

Gênero é o que constitui nossa formação enquanto mulheres e homens socialmente, culturalmente e historicamente. Sendo assim, em uma mesma sociedade, existem diferentes formas de constituir o gênero. Os diferentes contextos históricos também produzem diferentes construções de gênero.

Louro (1994) relaciona a construção da identidade de gênero a outras categorias como: classe, geração, etnia e outras e que a mesma não é uma “categoria pronta e estática” (LOURO, 1994, pg. 36), mas sim “dinâmicas de serem construídas e passíveis de transformação” (LOURO, 1994, pg.36).

A mesma autora aponta a ideia de que não existe só uma maneira correta de vivenciar a masculinidade e a feminilidade, mas sim diferentes formas de se viverem as masculinidades e feminilidades. Vivenciar as masculinidades e feminilidades se dá de forma relacional conforme nos aponta Dornelles (2007), que em sua dissertação trabalha com a ideia de gênero como um conceito relacional, considerando que ‘masculinidades e feminilidades são produzidas numa relação de produção mútuas’. “O caráter relacional do conceito de gênero implica que as diferentes formas de viver a masculinidade são construídas em reciprocidade com a produção das feminilidades.”

Partindo do conceito das autoras supracitadas, gênero é uma construção social, cultural e histórica das feminilidades e masculinidades. Essa construção acontece tanto no ambiente escolar, quanto na sociedade como um todo:

Não podemos esquecer que a escola também constrói cultura e que é possível criar propostas político-pedagógicas que vinculem a cultura escolar e as aprendizagens de origem externa à escolaridade. Mesmo entendendo que o ensino escolar é uma alavanca de potencial limitado para conquista de objetivo que afetam valores e comportamentos enraizados nos distintos grupos sociais, acreditamos que existe a possibilidade de ampliação de espaços para a construção de relações não-hierarquizadas entre homem e mulheres, para a qual a escola pode contribuir. (ALTMANN, 1999. p. 64.)

Para pensar as relações de gênero na Educação Física, um conceito que tem se destacado é a Coeducação. Betinardi (2008) faz uso desse conceito remetendo a ideia de “equilíbrio nas relações entre o feminino e o masculino”, mas ressalta que uma aula mista não é necessariamente coeducativa, pois supõe uma integração entre os estudantes e não apenas uma “mistura de sexos”:

Meninos e meninas passam a não serem identificados através dos valores, comportamentos e talentos 'naturais'. Não oculta-se o mundo feminino, não enobrece-se o mundo masculino, e nem transforma-se as relações entre homens e mulheres, numa 'luta'. (BETINARDI, 2008, p. 42).

Saraiva (1999) entende que a coeducação pode desconstruir os estereótipos sexuais:

De um lado, que homens mais afinados numa cultura feminina possam ser, sem preconceitos, mais suaves e, de outro lado, que mulheres afinadas numa cultura masculina, possam ser, da mesma forma, mais fortes. Mas, sobretudo, que as valorizações de ambos em suas respectivas atuações sejam iguais. (SARAIVA, 1999, p. 19)

Além disso, a autora supracitada considera que:

Uma aula de educação física que pretenda a ampliação das vivências esportivas para ambos os sexos deve oferecer a estes as mesmas modalidades, disciplinas e exercícios. Quanto ao alargamento das capacitações motoras, a oferta dessas vivências na educação física possibilitaria a superação de limitações, das quais principalmente as meninas se ressentem. (SARAIVA, 1999, p.183).

Goellner (2010) não escreve diretamente sobre a Coeducação, mas sua ideia sobre a prática pedagógica inclusiva entende que “Existem muitos elementos de ordem cultural que historicamente têm privilegiado determinados indivíduos e grupos em relação a outros.” (GOELLNER, 2010 p. 80-81).

Sendo assim, precisamos pensar que para além das diferenças de habilidades entre meninos e meninas existem as diferenças “entre os meninos” “entre as meninas”. Isso quer dizer que meninos ou meninas de mesma idade e que estudem em uma mesma escola diferem-se entre si, pois vivenciam e experimentam diferentes formas de movimentar-se desde cedo. Este fato indica que se faz necessário pensar estratégias para envolver os discentes com menos habilidades no esporte.

Refletindo sobre esse tema, Altmann (2015) aponta:

A vivência do esporte e a educação do corpo que a precede e lhe é concomitante têm início na infância e ocorrem de modo significativamente distinto para meninos e meninas brasileiras. Os incentivos e os campos de possibilidades oferecidas a eles são mais amplos e adequados às exigências esportivas, quando comparados aos que se disponibilizam às meninas. (ALTMANN, 2015, p. 29-30).

A autora supracitada em sua dissertação de mestrado que versa sobre a ocupação do espaço físico escolar percebe que é através do esporte que os

meninos dominam espaços mais importantes tanto na escola, como também nas aulas de educação física.

E é pensando as aulas de Educação Física que a mesma autora cita que um dos maiores problemas das aulas mistas é a exclusão. “Meninos e meninas excluem e são excluídos nos jogos; as exclusões não acontecem somente entre gêneros diferentes, mas também dentro do mesmo gênero”. (ALTMANN, 2015, p.103). Ou seja, a exclusão pode ser em função do gênero assim como pela habilidade “(ou falta de)”. (ALTMANN, 2015).

As aulas mistas, conforme consta nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), podem ofertar oportunidades de convivência entre meninos e meninas, para que possam se descobrir, se tolerar, compreender as diferenças sem discriminar o outro.

Como complementares aos PCN's, os PCN+ alertam para a importância de trabalhar com turmas heterogêneas, com alunos (as) em diferentes níveis de habilidades físicas e motoras, assim estimulando o conhecimento das diferenças e respeito entre os alunos.

Diante disso, Gomes *et al.* (2000) defende a necessidade de valorizar experiências tanto do gênero feminino quanto do masculino, pois normalmente só a norma masculina é que vem sendo valorizada na sociedade. Esta seria uma forma de pensar a equidade dentro da escola.

Dornelles e Fraga (2009) buscam na legislação, nos documentos e nas leis que organizam o funcionamento do ensino escolar, indicações sobre como organizar as aulas, com o objetivo de analisar entendimentos, concepções e saberes sobre a separação das turmas durante as aulas de educação física.

Ao analisar a Lei das Diretrizes e Bases percebem que a mesma não possui nada específico em relação à adoção de turmas mistas ou separadas, enquanto que nos Parâmetros Curriculares Nacionais existem indicações de que o ideal seria trabalhar com turmas mistas. Apontam para a falta dessa temática nos documentos da legislação educacional brasileira, e que em função disso as escolas acabam por se organizar de acordo com as suas propostas de educação.

Dornelles e Fraga (2009) não apontam as aulas mistas como sendo as mais indicadas, pois acreditam que essa prática não garante uma educação de equidade. Por estarem dividindo o mesmo espaço, os autores acreditam que essa prática pode favorecer discussões sobre as questões de gênero. Já as turmas separadas também

são vistas como uma estratégia para perceber diferentes formas de se viver as masculinidades e as feminilidades.

Os autores ainda destacam que mesmos nas aulas mistas podem ocorrer a separação por sexo, isso acontece quando as atividades realizadas pelas meninas são diferentes das atividades realizadas pelos meninos, como exemplo mais clássico o futebol para os meninos e o voleibol para as meninas. (DORNELLES E FRAGA, 2009).

Portanto a partir do referencial teórico, podemos ver que as aulas mistas não pressupõem um ideal coeducativo apontando para a necessidade de se problematizar a separação por sexo nas aulas de Educação Física.

3 DO OBJETIVO À REALIZAÇÃO DA PESQUISA

Os percursos metodológicos adotados para a realização desta pesquisa indicam que se trata de uma abordagem descritiva, visto que tem “por objetivo analisar determinados fenômenos, definir seus pressupostos, identificar suas estruturas ou esclarecer possíveis relações com outras variáveis.” (GAYA *et al.* 2008, p. 153). Apresenta ainda uma abordagem qualitativa, que segundo Gerhardt e Silveira (2009) se preocupa com aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais.

A escolha dos (as) entrevistados (as) foi feita de maneira intencional pois estes deveriam estar envolvidos(as) com essa prática. Foram entrevistados dois professores, a supervisora e a vice-diretora do turno da manhã de uma escola estadual da cidade de Porto Alegre. Para coleta de dados foram utilizadas entrevistas semiestruturadas.

As entrevistas foram gravadas com gravador digital e um gravador de celular para garantir que não houvesse nenhum problema ou para que nenhum dos áudios se perdessem. O objetivo ao realizar entrevistas é a identificação de opiniões, valores, condutas, vivências, etc. sobre determinado fenômeno. (GAYA *et. al* 2008, p. 154).

A entrevista tem por objetivo buscar informações por meio da “fala” dos sujeitos a serem ouvidos, ou entrevistados. Consideramos como entrevista todo tipo de comunicação ou diálogo entre um pesquisador que tem como objetivo coletar informações dos depoentes para serem posteriormente analisadas. (TOZONI-REIS 2009, p. 56)

O primeiro contato com a escola aconteceu durante o período do estágio obrigatório do Ensino Médio no mês de junho deste ano, onde expus minha intenção de realizar a pesquisa na escola abordando a temática da separação nas aulas de Educação Física. A direção da escola autorizou a realização do trabalho, bem como os professores que estiveram diretamente envolvidos na pesquisa. Em um segundo momento, foi realizado novamente o contato com a direção da escola a fim de conseguir e-mails pessoais dos participantes da pesquisa para que as entrevistas pudessem ser marcadas. A direção da escola forneceu o contato pessoal dos

participantes, podendo assim ser feito o contato com cada entrevistado, a fim de marcar a data para a realização de cada entrevista.

Foram elaborados os roteiros para cada entrevista, e posteriormente a mesma foi realizada utilizando um gravador digital. Após a realização os áudios passaram pela etapa de transcrição totalizando 36 páginas escritas. Após o processamento das entrevistas, as mesmas foram lidas com o intuito de identificar categorias de análise que foram contrastados com outras fontes de pesquisa.

Os roteiros das entrevistas (ANEXOS A, B e C) foram elaborados de acordo com a ligação de cada sujeito com a temática da pesquisa. O roteiro foi dividido em quatro partes, onde inicio com a experiência do (a) entrevistado(a) como discente; posteriormente sobre a formação e atuação profissional; e sobre a Escola pesquisada. Para os docentes foi elaborado um roteiro específico onde desenvolvi mais questões sobre a realização e cotidiano das aulas de Educação Física.

Ao analisar as entrevistas, por uma questão de ética, os nomes dos entrevistados não serão divulgados. Docente 1 nomeio como D1, Docente 2 como D2, Equipe pedagógica 1 como EQ1 e Equipe pedagógica 2 como EQ2.

Os (as) participantes também assinaram um Termo de Livre Consentimento Esclarecido (ANEXO D) antes de conceder a entrevista no qual aceitaram participar da pesquisa.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO

4.1 Trajetórias dos(as) entrevistados (as)

O Docente 1 (D1) formado pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul no ano de 1980 trabalha em escolas desde 1978. Ao trabalhar com turmas das séries iniciais do Ensino Fundamental em escolas privadas no início da carreira, relata que as aulas eram realizadas em turmas mistas. Já nas séries finais do Ensino Fundamental e no Ensino Médio as turmas eram separadas por sexo. Na rede Estadual de Ensino, trabalha há 18 anos e durante esse período conta que as turmas com as quais atuou sempre foram separadas por sexo. Atualmente, nas duas escolas de Ensino Médio da Rede Estadual que atua, trabalha com turmas do sexo feminino. Além disso, sempre trabalhou em escolinhas privadas de Iniciação Esportiva com o futsal, tanto com turmas separadas de meninos e meninas, quanto mistas, porém, sempre com um número superior de meninos.

O Docente 2 (D2) trabalha com a Educação Física Escolar desde o ano de 1992 quando se formou na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Em 1993, época em que a Legislação exigia aulas de Educação Física em todas as modalidades de ensino, o docente trabalhou em duas escolas de supletivo, com turmas mistas de Ensino Fundamental. A partir de 1997 começou a atuar só em escolas públicas da Rede Estadual de Ensino, com turmas de Ensino Médio. Na escola onde o presente trabalho foi realizado, trabalha desde 1998, tendo em um primeiro momento aulas com turmas mistas. No entanto os dois professores entrevistados trabalhavam juntos em outra escola da rede estadual, onde as aulas eram separadas por sexo. A partir da experiência na outra escola, perceberam as vantagens da separação das turmas e solicitaram então à direção que separassem as turmas. Além de trabalhar com a Educação Física Escolar, atua como árbitro de futebol e já trabalhou com arbitragem de vários esportes. Atualmente trabalha só com turmas de meninos na Educação Física Escolar.

A EQ1 se formou no ano de 1998 no curso de Ciências Biológicas na Universidade Federal do Rio Grande do Sul e há onze anos atua nessa escola, mas na Vice Direção atua desde o início do ano de 2015.

A EQ2 formada em Letras no ano de 1996 também na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, atua como professora desta escola desde o ano de 2002 e há

três anos assumiu a supervisão pedagógica da escola. Não teve experiência de trabalho em outras escolas da educação básica.

Em relação às experiências das aulas de Educação Física como alunos, o D1 ressalta que foi aluno durante o período da ditadura militar no Brasil e que por esse motivo as aulas envolviam muita disciplina. Normalmente os conteúdos eram a ginásticas e os esportes. Nas séries iniciais e no “primário”, as aulas eram mistas, e no “ginásio” eram separadas por sexo. Quando questionado sobre o seu pensamento sobre as aulas separadas na época, o D1 argumenta que era normal e que não se pensava de forma diferente.

O D2 se mostrou um pouco confuso ao lembrar-se da maneira como eram realizadas as aulas, mas acredita que na quinta série eram mistas, mas as atividades eram separadas. Na 7ª e 8ª e Ensino Médio as aulas eram separadas, sendo um professor para a turma de meninos e outro para a turma de meninas.

A EQ1 teve experiências de aulas mistas no Ensino Fundamental e aulas separadas no Ensino Médio.

A EQ2 teve uma experiência diferente dos outros professores, pois suas aulas tanto no Ensino Fundamental, quanto no Ensino Médio eram realizadas em turmas mistas. No entanto, no Ensino Fundamental, apesar de serem aulas mistas, acontecia a separação por sexo nos esportes de contato. Assim como o D1, ressalta que foi aluna durante o período da ditadura e seu professor era um ex-militar, por isso as aulas eram muito rígidas.

“Eu até acho que para a época assim era igualitário. Hoje em dia não sei, acho que poderia ir mais longe assim, mas só o fato de nos, mesmo para as meninas disponibilizarem todos os esportes, não fazer aquela distinção, que tinha em outras escolas da época, que as meninas jogavam vôlei e os meninos futebol, já era uma coisa avançada assim dentro dos limites da época né.” (Relato de EQ2).

A partir destas falas e contrastando com o que afirma Dornelles (2007), é possível perceber uma prática comum nas escolas: nas séries iniciais do Ensino Fundamental, por não apresentarem tantas diferenças nas valências físicas, não se percebe a necessidade de separar os alunos para a realização das aulas de Educação Física. Já nas séries finais do Ensino Fundamental e no Ensino Médio as diferenças entre os corpos de meninos e meninas começam a se acentuar, indicando que seria o momento próprio para a separação.

Além disso, vale ressaltar que todos na época como estudantes tiveram aulas mistas no Ensino Fundamental e separadas no Ensino Médio. Apenas um dos entrevistados teve aulas mistas durante toda a formação escolar.

4.2. Como acontece a divisão dentro da escola

A Equipe Pedagógica de uma escola deve exercer papel fundamental nas escolhas dos docentes. No entanto podemos perceber através das falas dos (as) entrevistados (as) que os membros da direção e supervisão da escola não faziam parte da equipe pedagógica na época em que a proposta pelas aulas mistas foi feita e por esse motivo não sabiam explicar o porquê da separação:

“É, eu não estava na escola, ou eu estava na escola, mas como professora, não na equipe diretiva, então eu não participei dessa divisão, mas eu andei conversando com o professor e ele me disse que foi uma solicitação dos professores mesmo, em função da questão das meninas ficarem com vergonha de fazer ginástica, alongamentos, determinados esportes na frente dos guris.” (Relato de EQ1).

“Eu não estava na supervisão. Eu sou relativamente nova na supervisão, eu sou professora, sou formada em Letras, eu sou professora de Literatura, e estou na supervisão há três anos e esse processo já tem muito tempo. Do que eu sei, do que me foi informado pelo próprio professor, foi uma demanda, um pedido do próprio professor por algumas questões que ele vai te explicar depois assim, e daí foi acatado pela escola isso, mas eu não participei do processo de origem”. (Relato de EQ2).

O D1 conta que ele e o outro professor entrevistado trabalharam juntos em outra escola da rede estadual e então ao notar certa facilidade do planejamento dos períodos e horários através da experiência na outra escola solicitaram à direção da escola a separação das turmas. Para ele a separação também se explica pelo gosto diferenciado pela Educação Física para meninos e para meninas; o tipo de atividades a serem desenvolvidas, principalmente os esportes coletivos e a falta de maturidade dos meninos, que se excedem muito nas atividades (força, velocidade e potência) porque querem se mostrar, se sobressair, principalmente quando estão com as meninas. A maturidade é dita pelo Docente 1 como uma característica da idade.

Segundo o Docente 2, ele e o outro professor da disciplina tentaram implantar essa prática na escola entre 2008 e 2009 em função de um remanejamento de professores que trabalhavam juntos em outra escola e vieram para a escola onde

realizei a pesquisa. Desde lá as aulas são realizadas em turmas são separadas. A justificativa se dá em função do rendimento das aulas. Além disso, a faixa etária, a diferença das valências físicas, constrangimento das meninas por os meninos estarem olhando enquanto elas fazem determinada atividade; a violência dos meninos nos jogos coletivos, competitividade, e o fato da menina se excluir da atividade porque não quer suar ou ficar desarrumada.

Fica nítido na fala dos dois professores que a competitividade na prática dos esportes durante as aulas de Educação Física é um forte fator de exclusão nos jogos, o que corrobora com os resultados do estudo de Altmann (2015). Quem sabe, além da competição, focar outros aspectos como cooperação e trabalho em equipe nas aulas seja uma alternativa para mudar essa realidade. Ou como sugere Andres:

O importante é minimizar as barreiras que distanciam e excluem meninos e meninas das atividades, como por exemplo, o esporte competitivo. E trazer como objetivo de trabalho para as aulas, atividades que todos possam ser incluídos, desenvolvendo suas habilidades e potencialidades de uma maneira lúdica e cooperativa. (Andres, 2011, p. 18-19).

Os docentes entrevistados estiveram diretamente envolvidos na escolha pelo trabalho com turmas separadas por sexo, enquanto a direção e supervisão da escola apenas aceitaram a proposta dos professores, o que vai de encontro com os achados dos estudos de Dornelles (2007), pois “os professores de Educação Física são os principais agentes da separação nas aulas”.

Na fala dos professores é possível perceber que a justificativa pela separação se deve tanto a uma questão de organização dos professores, como também às diferentes características de meninos e meninas em relação a prática de atividades físicas. Quando o D2 fala sobre a violência dos meninos nos jogos coletivos parece que não são as meninas que estão aquém do padrão dos corpos masculinos, como na maioria das vezes acontece, mas sim que são os meninos que se excedem.

Em sua fala D1 aponta a dificuldade da escolha das atividades no planejamento dos jogos esportivos como uma possível desvantagem para as aulas mistas em função de um bloqueio das meninas em algumas atividades, por falta de um trabalho anterior. Elas não querem se mostrar em ambiente misto e se sentem inibidas com a presença dos meninos. Além disso, o interesse dos meninos nas aulas é maior do que as meninas e por isso é preciso estimular bem mais as meninas para as atividades.

Em aulas mistas, os ganhos seriam bons, mas para trabalhar com turmas mistas são necessárias melhores condições, como o incentivo desde cedo para a prática de atividades. Além disso, o Docente 1 pensa que é necessário mudar a realidade do jovem desde as séries iniciais, para que eles tivessem uma outra postura. Ele acredita que essa é uma questão cultural que teria que ser trabalhada.

Ainda sobre as desvantagens e dificuldades encontradas na realização das aulas de Educação Física, o D2 afirma que:

“Na aula mista tu acaba focando em quem quer participar e assim as meninas acabam ficando de lado. Já na aula separada ou elas fazem ou fica toda a turma sem fazer. Daí o professor vai ter que bolar uma maneira para que a aula seja atrativa, tenta incentivar até que elas comecem a participar, no ritmo delas.” (Relato de D2).

Para que as alunas venham a participar das aulas, o professor diz que é preciso convencê-las da importância da atividade física. Por esse motivo, o desgaste do professor acaba sendo muito maior.

Diante das dificuldades e impossibilidades citadas pelos professores a fim de realizar as aulas mistas, Betinardi afirma que:

As dificuldades existentes, certamente poderão ser contornadas ao longo do tempo, através da criação de propostas político-pedagógicas que vinculem a cultura escolar e as aprendizagens externas, através da formulação democrática de concepções educacionais e escolares, mediante discussões das relações de gênero entre professores/as e educandos/as e educandos/as entre si. (BETINARDI, 2008, p.34).

4.3. As divisões nas aulas de Educação Física

O Docente 2 relata que quando precisam juntar as turmas em função de algum problema de estrutura da escola os discentes reclamam e a maioria das meninas não participa. Em outra pesquisa com bolsistas do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência do curso de Educação Física, também se percebe a resistência das meninas ao dividirem os espaços e em trabalhos cooperativos, dificultando assim o trabalho pedagógico. (ANDRES, JAEGER e GOELLNER, 2015).

“Trabalhava com turmas de 4ª, 5, 6ª, 7ª, 8ª série, dez, onze, doze anos, era tranquilo porque as forças, as valências físicas são iguais, muitas vezes até nos dez, onze anos a menina tem mais força que o menino, ela é mais rápida que o menino, ela é mais ágil que o menino, ela é mais esperta naquela época, para essa questão física.” (Relato do D2).

Nesta fala percebe-se que no ensino fundamental as forças e as valências físicas são iguais, mas que as alunas se sobressaem em certa fase. Conforme Dornelles (2007), o corpo dos meninos é tido como padrão, como ideal, enquanto os corpos das meninas são vistos como fora do padrão. Nesse caso, quando considera que em determinada fase as meninas se destacam em relação aos meninos, parece que os corpos dos meninos é que estão fora do padrão, pois eles estariam 'atrasados'. Nesse caso, os meninos são violentos e aparentemente consideramos normal. Nenhum dos dois professores entrevistados questionou se é bom ou não deixar que essa violência se perpetue.

A opinião da EQ1 sobre as aulas de Educação Física é de que não há vantagem em se trabalhar com turmas separadas, pois em turmas mistas a interação seria melhor. Acredita que os professores têm dificuldade em lidar com essa mudança (alunos homossexuais, transexuais, bissexuais e outras questões de gênero).

Para EQ2 as aulas de diferentes turmas são semelhantes e todos tem acesso a todas as modalidades esportivas. O trabalho em turmas separadas para essa entrevistada quando for bem conduzido, não tem desvantagens.

Ao questionar a opinião do D1 em realizar discussões sobre as questões de gênero: “Nós temos dois períodos de educação física por semana, o resto dos períodos eles estão basicamente presos na sala de aula, a quatro paredes, há algumas regras”.

Ou seja, justifica que em função de serem apenas dois períodos por semana, prefere enfatizar a prática de atividades prazerosas para os alunos a trabalhar com as questões de gênero. É como se a Educação física fosse um horário que os alunos curtam para jogar aquilo que gostam. Também acredita que falta maturidade dos alunos para esse tipo de discussão. Para tanto, é necessário uma mudança a médio-longo prazo para que se possa realizar essas discussões de gênero.

Diferentemente do D1, o D2 dá uma atenção maior a essas discussões sobre gênero:

“O que eu quero lá principalmente nas minhas aulas é que todos são iguais, independente do gênero de cada um e da preferência sexual de cada um, da tendência de cada um.” (Relato de D2).

Atento para a seguinte fala do professor:

“Uma aula de uma turma de primeiro ano vai ser diferente de uma outra turma de primeiro ano, mesmo sendo duas turmas masculinas,

mas elas vão ser diferentes, porque o grupo é diferente, então eu vou ter que focar a aula de uma maneira diferente”. (Relato de D2).

Se pensarmos que duas turmas de meninos da mesma idade são completamente diferentes, também podemos pensar que dois alunos da mesma idade e do sexo masculino são muito diferentes. A separação nas aulas de educação física poderia ser feita levando em conta outras características dos discentes, como a idade, as preferências por determinado tipo de práticas esportivas, etc. Se o professor percebe que os sujeitos são diferentes, mesmo sendo do mesmo sexo, porque continuar separando por sexo?

O mesmo docente remete a uma situação que ocorreu na escola, onde os professores da escola não queriam que outro professor transexual frequentasse o banheiro. Veja no trecho abaixo:

“Se nós considerando assim, no grupo geral de professores de uma escola, que com cem professores nós tivemos uma dificuldade muito grande para conseguir nortear como a gente ia fazer isso, imagina com os alunos.” (Relato do D2).

Sob esse aspecto, pensando que a escola tem papel fundamental nas construções de gênero dos alunos, e as questões de gênero e sexualidade estão presentes na escola, as mesmas não podem:

Ser abordadas somente quando solicitadas, mas integrar o currículo escolar, dos cursos de capacitação docente, assim como as discussões da proposta político pedagógica da escola e da educação brasileira em geral. (ANDRES, JAEGER e GOELLNER, 2015, p. 176).

Diante disso, o gênero faz parte do contexto da escola e não pode ser ignorado.

Na opinião da entrevistada EQ1, não se tem conversado nem trabalhado a temática de gênero na escola. Além disso, não tem nenhum projeto na escola que vise às questões de gênero.

A fala da entrevistada EQ2 contrapõe a fala da EQ1, pois fala que fazem um grande trabalho sobre o machismo, preconceito com transgêneros e homossexuais, porém não traz detalhes sobre o que exatamente é feito.

Dornelles (2007) percebe através de entrevistas que as construções culturais sobre as masculinidades e feminilidades acontecem dentro da escola, o que contraria a fala de EQ2 sobre a influência da escola nas questões de gênero:

“A escola é reflexo da sociedade, então embora exista um trabalho, um discurso contra o preconceito e, os alunos reproduzam esse discurso, às vezes nas atitudes ainda surge uma visão de mundo mais machista ou preconceituosa com gays etc, mas isso é também

reflexo de todo o universo que eles vivem, não só da escola.” (Relato de EQ2).

A respeito de alunos transexuais na escola:

“A gente ficava assim meio perplexo num primeiro momento porque choca, a gente não pode ser hipócrita de dizer que não e então a gente sente a necessidade de se adaptar a isso pela faixa etária deles em que isso vem a tona mesmo, essas questões estão aí.” (Relato de EQ2).

Relaciono as falas dos professores sobre as questões de gênero na escola e nas aulas de Educação Física e percebo contradição nas falas, o que me parece ser um despreparo e dificuldades do corpo docente da escola em se adaptarem a essa ‘nova realidade’. Além disso, é possível notar que falta um planejamento maior de conteúdos e temas que vão ser trabalhados na escola e nas aulas da disciplina de Educação Física. Temas como gênero, sexualidade e educação para diversidade:

Devem ser parte da formação tanto inicial quanto continuada de professor@s, já que essas questões estão latentes na escola e mesmo fora dela observa-se que atravessam e constituem a sociedade. (ANDRES, 2011, p.36).

O Docente 1 quando questionado a respeito das diferenças entre as aulas no Ensino Médio e Ensino Fundamental relata que a diferenciação entre meninos e meninas começa a acontecer na 7ª e 8ª série, e é mais visível no Ensino médio. O D2 afirma que no ensino fundamental as forças e valências físicas são iguais e em alguns momentos as meninas se destacam. Já no ensino médio são os meninos que se sobrepõem. Essas ideias corroboram com os estudos de Dornelles (2007), que baseada nas entrevistas da sua dissertação de mestrado, percebe que a idade é uma importante justificativa para separar os sexos. A partir do período da pré-adolescência/adolescência parece que é necessário trabalhar com turmas separadas, pois os corpos e potencialidades começam a se distanciar.

É como se, num determinado momento da vida escolas dos/das estudantes, houvesse impossibilidades para o trabalho misto, determinando a separação. (DORNELLES, 2007, pg.109).

Além disso, questiono sobre como acontecem as aulas da única turma mista da escola ministradas por este docente. Segundo ele, as atividades são realizadas de forma mista, ou seja, meninos e meninas participando das mesmas atividades. Nessa fala, se pode perceber que é possível trabalhar com meninos e meninas juntos, no entanto as meninas precisam se mostrar interessadas, já que são poucas que se interessam e participam. Sugiro a partir disso que devemos incentivar nossas

alunas desde cedo, mas não com o intuito de que elas devam se adequar ao padrão masculino, e sim que tenham oportunidade de conhecer outras práticas.

Destaco no seguinte trecho que o docente reforça a não-participação das meninas e competitividade entre as mesmas como uma característica do sexo. Além disso, nesse trecho o professor relata que as meninas são muito competitivas, mas não durante as atividades, mas sim entre elas:

“A gente vê nas escolhas de quem vai pegar a turma masculina e feminina em qualquer escola, os professores de educação física brigam para pegar os guris sempre. Porque é noventa por cento mais fácil tu trabalhar com os meninos, eles já tem o gosto pela educação física a maioria, eles te facilitam em tudo, não tem uma competitividade que nem as mulheres tem nas aulas, apesar de elas serem muito difíceis, de não gostarem de atividades, tu tem que brigar, estimular para elas fazerem as atividades, apesar de toda essa dificuldade, elas, além de tudo são muito competitivas, com todas essas características, e os guris não, os guris já estão acostumados, não levam muita diferença de um para o outro e são mais solidários para fazer as atividades, *característica de sexo*.” (Relato de D1).

Uma das perguntas do roteiro dos docentes era se os alunos questionavam as razões pelas quais realizam as aulas de Educação Física em turmas separadas por sexo. Mais uma vez, percebo contradição na fala dos dois professores, pois, enquanto o D1 afirma que os discentes perguntam pouco sobre a separação, o D2 afirma que os mesmos vêm de outras escolas e nas primeiras semanas de aula não entendem o porque da separação e por isso questionam. Segundo ele, depois que os professores explicam que a separação se dá em função do rendimento e participação das meninas durante as aulas os alunos passam a não questionar mais, nem reclamar porque percebem que as aulas rendem mais. A partir disso, é importante refletir sobre o que os professores entendem por “rendimento das aulas”.

Explico aos professores o conceito de equidade de gênero e coeducação nas aulas e questiono se pensam que é possível oferecer oportunidades de equidade:

“Só tenho uma turma mista, mas se tu oferece uma atividade em uma aula mista, que tu vai propor que se realize uma determinada atividade, dentro deste conceito, tanto os meninos como as meninas, deverão realizar aquela atividade dentro das suas condições.” (Relato de D1).

“Sim porque eu acho que ela vai poder ter uma evolução comparativa do que era e melhorar e depois, depois que ela já tiver adquirido as valências, perdido os medos, aprendido todas as questões das atividades físicas... eu vou trabalhar todos os fundamentos e depois que ela dominar todos os fundamentos, os medos, e as movimentações, e aí o dia que eu for, que ela for entrar em um outro

jogo, vamos falar assim, para a vida dela depois, vai jogar e está jogando com os meninos, ela vai saber se movimentar mais rápido, deslocar mais rápido, entender o jogo de uma outra forma de uma forma que se ela tivesse misturada talvez ela não conseguiria chegar nesse nível, e eu acho que ai sim, ai houve essa evolução, porque? Porque ela desenvolveu isso tudo e ai depois dela já estar com isso desenvolvido, ela vai interagir com o outro, está entendendo? Porque ai ela nunca vai, ela não vai estar mais em um grau de inferioridade.” (Relato de D2).

O D2 ainda exemplifica a situação do Badminton nas aulas mistas. Para ele, essa prática que tem competição mista nivela a força porque a peteca é muito leve. Além disso, é um esporte desconhecido e pouco praticado, sendo assim, dificilmente um aluno terá habilidades muito desenvolvidas nessa prática. Ainda relata que meninos e meninas poderem praticar de “igual para igual”. Penso que esse é um ponto muito positivo, porque acredito que isso é oferecer oportunidade de equidade entre homens e mulheres. Apesar de trabalharem com turmas separadas e apenas uma turma mista, percebemos que na única turma mista da escola, os docentes se preocupam em trabalhar com esportes e práticas como o Badminton, por exemplo, que não segregam tanto quanto o Futebol e o Voleibol.

A entrevistada EQ1 acredita que a separação contribui para a manutenção dos estereótipos de gênero e que não é possível oferecer oportunidades de equidade com as aulas separadas, em função de serem professores diferentes. Relata que assumiu a direção da escola este ano e percebe que é importante saber quando e porque foi feita a escolha pela separação das turmas por sexo nas aulas de Educação Física.

Para EQ2 a separação não contribui para a manutenção dos estereótipos de gênero em função da forma como a disciplina é abordada, pois as meninas não são proibidas de realizar nenhum esporte. Ressalto aqui que poder praticar todos os esportes não significa que tenham oportunidades de equidade.

Sobre as expectativas de aprendizagem, segundo o Docente 1 elas são as mesmas. Porém, ao relacionar com a falta de maturidade, relata que cada um “dentro do seu potencial” sim, os dois tem condições de evoluir. Na opinião do Docente 2 as expectativas seriam as mesmas caso fosse trabalhar também com uma turma de meninas.

Sobre a forma de comunicação com os alunos e as alunas questiono se é preciso alterar a linguagem em turmas de sexos diferentes:

“Com certeza, só que tu tens que ter eu acho que um feeling, uma experiência, um feeling, uma maneira de tu conseguir te relacionar,

então, através desta maneira, tu consegue atingir tanto os guris quanto as gurias de uma forma adequada. É diferente, por exemplo, de quando tu está dando aula só para o sexo masculino, tu tem uma maneira de te relacionar, de exigência, uma série de coisas. Quando tu está trabalhando só com as meninas, tu tem uma maneira de trabalhar, de dirigir adequadamente. Quando tu for trabalhar com os dois juntos, e só tu moderar a tua maneira de dar o teu recado, tu vai atingir tanto os guris como as gurias de uma forma adequada.” (Relato de D1).

“A linguagem que eu uso com os meninos é uma, e a linguagem que eu uso com as meninas é outra, totalmente. A aula que eu dou para um menino, na parte da linguagem, puramente da linguagem agora do que tu está falando, eu uso de um jeito e com a menina eu uso do outro.” (Relato de D2).

Ao analisar o que os docentes dizem sobre a comunicação entre docentes e discentes durante as aulas, percebo que estes ainda consideram as diferenças entre homens e mulheres, já que ambos dizem alterar a linguagem quando trabalham com turmas de meninos, de meninas ou mistas, o que remete a fragilidade das mulheres em relação ao uso de determinados termos. Segundo Gomes *et. al.* , além de ser um instrumento de comunicação, a linguagem é também “uma forma de expressão da interpretação da própria realidade social, e da própria essência do pensamento da pessoa.” Também:

A linguagem que o/a professor/a utiliza, as expectativas que cria em relação a desempenhos, rendimentos e comportamentos dos seus alunos e alunas, a forma como organiza espaços e utiliza materiais podem, mesmo de forma inconsciente, veicular mensagens implícitas de discriminação quanto ao gênero. (GOMES *et. al*, 2000, p.47)

Segundo o Docente 2, os conteúdos trabalhados são os mesmos, apesar das aulas serem diferentes, em diferentes turmas, até porque o grau de conhecimento de cada turma é diferente. Assim como também os métodos de avaliação utilizados tanto nas turmas de meninos, quanto nas turmas de meninas, são iguais.

Betinardi (2008) aponta em seu estudo a necessidade de rever os conteúdos típicos trabalhados nas aulas de Educação Física, apontando o olhar para as dificuldades de inclusão dos alunos que ‘sabem menos’, especialmente quando a didática utilizada tem enfoque nos esportes que envolvem o rendimento e a competição.

O documento dos Parâmetros Curriculares Nacionais prevê como conteúdo para a Educação Física a manifestação da cultura corporal de movimento, que é ampla e vai muito além dos esportes, englobando outros conteúdos como as

atividades rítmicas e expressivas, as lutas, as ginásticas e os jogos. Os conteúdos que os docentes de muitas escolas trabalham resumem-se aos esportes, e com maior ênfase nos esportes do “quarteto fantástico” (futsal/futebol, voleibol, basquetebol e handebol) como acontece na escola pesquisada. Destaco a fala do Docente 1 sobre o Badminton, como sendo um esporte possível para trabalhar com meninas e meninos sem que aconteçam exclusões que normalmente acontecem como no futebol, por exemplo. O badminton, citado no capítulo anterior, é um esporte pouco conhecido e praticado, sendo assim, nenhum dos sexos foi incentivado e tiveram pouco contato desde cedo com essa prática. Vejo não só no Badminton como também em outras práticas corporais e esportivas que são pouco conhecidas, uma possibilidade de oferecer oportunidades iguais para que meninos e meninas possam jogar e realizarem aulas juntos sem exclusões de gênero. Pensando então que a Cultura Corporal de Movimento oferece diversos conteúdos a serem trabalhados além do “quarteto fantástico”, é possível explorar outras práticas e assim trabalhar com a ideia de coeducação.

Se em um primeiro momento as aulas de Educação Física eram separadas pautadas nas diferenças físicas de meninos e meninas, a partir do exemplo trazido pelo D2 sobre o Badminton, podemos perceber que a separação hoje, em específico nessa escola, se dá também em função das diferenças culturais. Pois como o mesmo professor aponta, o que dificulta as aulas mistas hoje são as diferentes oportunidades que são dadas as meninas e meninos durante sua infância.

Pensando no objetivo desta pesquisa, que era analisar a percepção dos docentes e outros integrantes da equipe pedagógica da escola sobre as relações de gênero nas aulas de Educação Física, percebo que os professores não tem conhecimento suficiente para justificar a separação.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chego ao fim deste trabalho percebendo que por mais que existam inúmeras pesquisas sobre as questões de gênero, essa discussão ainda encontra dificuldades de romper os muros da escola, mesmo estando muito presente no cotidiano escolar e fora dele. É fundamental que sejam realizados cursos de capacitação ou atualização e oficinas sobre o tema para os docentes para que eles estejam preparados para enfrentar situações de preconceito e exclusão que acontecem na escola, podendo assim ofertar um ambiente mais justo e coeducativo.

Não busco através deste trabalho definir o melhor formato para as aulas de Educação Física, separadas ou mistas. O que é de fato importante é que o docente possa refletir a respeito da sua prática, pensando se oferece ou não oportunidades para que meninos e meninas desenvolvam suas capacidades podendo chegar ao mesmo lugar. A mudança é gradativa e pode acontecer aos poucos.

Minha expectativa era que aparecesse nas falas das entrevistas as diferenças físicas como principal justificativa para as aulas separadas, no entanto, o que se percebe é que os docentes justificam a separação pela falta de motivação e interesse pela Educação Física Escolar por parte das meninas, como se elas precisassem se adequar ao padrão masculino. Os sujeitos participantes da pesquisa reconhecem que o desinteresse por parte das alunas acontece em função do pouco incentivo para as práticas esportivas desde cedo. Isso indica que as meninas devem ser incentivadas as práticas corporais, assim como acontece com os meninos para que se possa então pensar em aulas mistas que ofereçam oportunidades de equidade para todos (as). Ou seja, os docentes não justificam a falta de habilidades pelas diferenças biológicas entre os sexos o que é extremamente positivo, pois esse é o primeiro passo para que a coeducação aconteça. No entanto, os argumentos dados pelos professores para justificar a separação tem nuances de cunho biológico. Mesmo conscientes das diferentes oportunidades de praticas corporais e esportivas para meninos e meninas durante sua infância e adolescência, esse fato não parece ser suficiente para propor uma aula mista e que trabalhe a equidade.

REFERÊNCIAS

ALTMANN, Helena. **Educação física escolar: Relações de gênero em jogo.** São Paulo: Cortez, 2015. Coleção educação e saúde. p. 29-41; 73-134.

ANDRES, Suélen de Souza. **Relações de gênero e sexualidade: temas para a e formação profissional em Educação Física.** Trabalho de Conclusão de Curso em Educação Física. Centro de Educação Física e Desportos. Santa Maria, 2011.

ANDRES, Suélen de Souza; JAEGER, Angelita Alice; GOELLNER, Silvana Vilodre. **Educar para a diversidade: gênero e sexualidade segundo a percepção de estudantes e supervisoras do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (UFMS).** 2015 Disponível em:
< http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1983-30832015000200167&script=sci_arttext >. Acesso em 25/11/2015.

BETINARDI, Solange. **Meninos e Meninas: a (in)diferença nas Aulas Mistas de Educação Física.**

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais.** Ensino Médio- Linguagens, códigos e suas tecnologias. 2000. Disponível em: <http://portal.com.gov.br/seb/arquivos/pdf/1424.pdf>. Acesso em: 16/11/2015.

BRASIL. **PCN + Ensino Médio.** Linguagens, Códigos e suas tecnologias. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/linguagens02.pdf>>. Acesso em: 16/11/2015.

DORNELLES, Priscila Gomes; FRAGA, Alex Branco. **Aula mista versus aula separada? Uma questão de gênero recorrente na educação física escolar.** Revista Brasileira de Docência, Ensino e Pesquisa em Educação Física. Volume 1. N. 1, p. 141-156, agosto 2009.

DORNELLES, Priscila Gomes. **Distintos destinos? A separação entre meninos e meninas na Educação Física escolar na perspectiva de gênero.** Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2007. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2007.

GAYA, Adroaldo *et al.* (org.), **Ciências do Movimento humano: uma introdução à metodologia da pesquisa/ Daniel Garlipp [et. al.]** – Porto Alegre: Artmed, 2008.

GERHARDT, Tatiana Engel et al. (org.). **Métodos de pesquisa.** Universidade Aberta do Brasil- UAB - UFRGS e pelo curso de SEAD/UFRGS – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GOELLNER, Silvana Vilodre. **A educação dos corpos, dos gêneros e das sexualidades e o reconhecimento da diversidade.** Cadernos de Formação RBCE, pg 71-83. Março, 2010.

GOMES, Paula Botelho; SILVA, Paula; QUEIRÓS, Paula. **Equidade na Educação: Educação Física e Desporto na Escola.** Associação Portuguesa Mulheres e Desporto, 2000.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação:** das afinidades políticas às tensões teórico-metodológicas.

LOURO, Guacira Lopes. **Uma leitura da história da educação sob a perspectiva do gênero.** Projeto História, São Paulo, 1994.

SARAIVA, Maria do Carmo. **Co-educação Física e Esportes:** quando a diferença é mito. Editora UNIJUÍ, Ijuí – RS. 1999.

SOUZA, Eustáquia Salvadora de; ALTMANN, Helena. **Meninos e meninas:** expectativas corporais e implicações na educação física escolar. Cadernos CEDES, Ano XIX, nº 48, Agosto 1999.

TOZONI - REIS, Marília Freitas de Campos. **Metodologia da pesquisa.** 2ª edição – Curitiba. IESDE Brasil S.A., 2009.

ANEXO A - Roteiro Professor 1

Parte 1 - Dados pessoais:

Nome:

Idade:

Parte 2 – Experiência como aluno:

- Conte um pouco sobre as suas experiências das aulas de educação física como aluno.
- As aulas costumavam ser realizadas separadas ou mistas?
- O que você achava disso?

Parte 3 - Dados sobre a formação e atuação profissional:

- Onde se formou? Ano?
- Há quantos anos trabalha em escola?
- Já trabalhou em outras escolas? Públicas ou particulares?
- Como era organizada a disciplina de educação física em outras escolas? As aulas eram mistas ou separadas?
- Você também já trabalhou com escolinhas de iniciação esportiva?

Parte 4 – Escola Inácio Montanha

- Aqui no Inácio Montanha, por quais turmas você é responsável?
- Como aconteceu a escolha pelas aulas mistas? Os professores de educação física da escola participaram desse processo do planejamento?
- Como se justifica essa escolha?
- Possíveis vantagens e desvantagens ao se trabalhar dessa forma?

Parte 5 - Aulas

- Como você percebe as aulas mistas? Percebe diferenças entre o ensino fundamental e médio?
- Mesmo as turmas sendo mistas, as atividades são mistas também ou separadas?
- Se for separada... Como você percebe as aulas com atividades separadas? Percebe diferenças entre o ensino fundamental e médio?
- A partir da sua prática pedagógica, qual a sua opinião sobre realizar aulas mistas?
- Já que o senhor trabalha com turmas mistas e meninas, percebe diferença na disputa entre os/as alunos/as, conflitos durante as aulas?
- Como você percebe as relações entre os gêneros nas suas aulas?
- Os/as alunos/as questionam porque realizam as aulas em turmas separadas? Você percebe que eles preferem aulas mistas ou separadas?
- Você pensa ser importante trabalhar com questões de gênero nas suas aulas?
- Você acredita que a escola possa contribuir para a manutenção dos estereótipos que classificam os sujeitos?
- Existe um convenção para dizer o que é permitido ou não às meninas e aos meninos fazer (atitudes, condutas, valores). Você acredita que as aulas separadas por gênero acabam por reforçar esse preconceito?
- Você já ouviu falar sobre o conceito de equidade?
- Acredita que nas suas aulas você oferece oportunidades que promovam equidade para os meninos e as meninas? Como isso funciona nas aulas que são mistas? E nas separadas?
- Você acredita que é possível oferecer oportunidades de equidade mesmo em aulas separadas?
- As expectativas que você cria em função do desempenho dos alunos/as são as mesmas para meninos e meninas?

- A linguagem que utiliza é a mesma nas turmas de meninas e mistas?
- Como acontece a escolha dos conteúdos para as diferentes turmas? São os mesmos?
- Os métodos de avaliação são os mesmos?
- E os níveis de participação?
- Atitudes e comportamentos dos alunos/as
- Quem predomina/ocupa o espaço de participação ativa nos jogos das aulas mistas?

ANEXO B – Roteiro Professor 2

Parte 1 - Dados pessoais:

Nome:

Idade:

Parte 2 – Experiência como aluno:

- Conte um pouco sobre as suas experiências das aulas de educação física como aluno.
- As aulas costumavam ser realizadas separadas ou mistas?
- O que você achava disso?

Parte 3 - Dados sobre a formação e atuação profissional:

- Onde se formou? Ano?
- Há quantos anos trabalha em escola?
- Já trabalhou em outras escolas? Públicas ou particulares?
- Como era organizada a disciplina de educação física em outras escolas? As aulas eram mistas ou separadas?
- Você também já trabalhou com escolinhas de iniciação esportiva?

Parte 4 – Escola Inácio Montanha

- Aqui no Inácio Montanha, por quais turmas você é responsável?
- Como aconteceu a escolha pelas aulas mistas? Os professores de educação física da escola participaram desse processo do planejamento?
- Como se justifica essa escolha?
- Possíveis vantagens e desvantagens ao se trabalhar dessa forma?

Parte 5 - Aulas

- Como você percebe as aulas separadas? Percebe diferenças entre o ensino fundamental e médio?
- A partir da sua prática pedagógica, qual a sua opinião sobre realizar aulas mistas?
- Já trabalhou alguma vez com turmas mistas? Se sim, conte um pouco como foi essa experiência.
- Os/as alunos/as questionam porque realizam as aulas em turmas separadas? Você percebe que eles preferem aulas mistas ou separadas?
- Você pensa ser importante trabalhar com questões de gênero nas suas aulas?
- Você acredita que a escola possa contribuir para a manutenção dos estereótipos que classificam os sujeitos?
- Existe um convenção para dizer o que é permitido ou não às meninas e aos meninos fazer (atitudes, condutas, valores). Você acredita que as aulas separadas por gênero acabam por reforçar esse preconceito?
- Você já ouviu falar sobre o conceito de equidade?
- Você acredita que é possível oferecer oportunidades de equidade mesmo em aulas separadas?
- As expectativas que você cria em função do desempenho dos alunos/as poderiam ser as mesmas para meninas?
- A linguagem que utiliza poderia ser a mesma nas turmas de meninas? Porque?
- Como acontece a escolha dos conteúdos para as diferentes turmas? Seriam feitas da mesma forma se a turma fosse de meninas?
- Os métodos de avaliação seriam os mesmos?
- Como você percebe as atitudes e comportamentos dos alunos/as?

ANEXO C – Roteiro Equipe Pedagógica

Parte 1 - Dados pessoais:

Nome:

Idade:

Parte 2 – Experiência como aluno:

- Conte um pouco sobre as suas experiências das aulas de educação física como aluno.
- As aulas costumavam ser realizadas separadas ou mistas?
- O que você achava disso?

Parte 3 - Dados sobre a formação e atuação profissional:

- Onde se formou? Ano?
- Há quantos anos trabalha em escola?
- Já trabalhou em outras escolas? Públicas ou particulares?
- Como era organizada a disciplina de educação física em outras escolas? As aulas eram mistas ou separadas?

Parte 4 – Escola Inácio Montanha

- Como aconteceu a escolha pelas aulas mistas? Qual foi a participação da equipe pedagógica da escola durante esse processo do planejamento?
- Como se justifica essa escolha?
- Possíveis vantagens e desvantagens ao se trabalhar dessa forma?
- A partir da sua prática pedagógica, qual a sua opinião sobre realizar aulas mistas?
- Qual a sua percepção em relação às questões de gênero dentro da escola?

- Você pensa ser importante trabalhar com questões de gênero na escola?
- Você acredita que a escola possa contribuir para a manutenção dos estereótipos que classificam os sujeitos?
- Existe um convenção para dizer o que é permitido ou não às meninas e aos meninos fazer (atitudes, condutas, valores). Você acredita que as aulas separadas por gênero acabam por reforçar esse preconceito?
- Você já ouviu falar sobre o conceito de equidade?
- Você acredita que é possível oferecer oportunidades de equidade mesmo em aulas separadas?
- Como acontece a escolha dos conteúdos para as diferentes turmas? Seriam feitas da mesma forma se a turma fosse de meninas?
- Os métodos de avaliação seriam os mesmos?

ANEXO D – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Título da pesquisa: RELAÇÕES DE GÊNERO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA DE UMA ESCOLA PÚBLICA DE PORTO ALEGRE – RS

Pesquisador(es) responsável(is): Natália Bender

Instituição/Departamento: UFRGS/ESEFID

Telefone para contato: (51) 96916201

Prezado(a) Senhor(a):

Você está sendo convidado (a) a participar de um estudo concedendo uma entrevista de forma totalmente voluntária. Você tem o direito de desistir de participar da pesquisa a qualquer momento, sem nenhum tipo de prejuízo.

Objetivo do estudo: analisar a percepção de professores(as) da disciplina de Educação Física e equipe pedagógica de uma escola estadual da cidade de Porto Alegre, sobre as relações de gênero nas aulas de Educação Física.

Procedimentos: A entrevista será realizada com o uso de gravador digital. Após a realização da entrevista, a mesma passa pelos procedimentos de transcrição, conferência de fidelidade, copidesque e leitura final. A transcrição da entrevista é devolvida ao entrevistado conferência, o mesmo assina um documento concedendo a pesquisadora e ao Centro de Memória do Esporte a propriedade e os direitos de divulgação do depoimento e disponibilização no Repositório Digital do Centro de Memória do Esporte.

Benefícios: Esta pesquisa trará maior conhecimento sobre o tema abordado, podendo melhorar sua prática profissional.

Riscos: A participação nas entrevistas não representará qualquer risco de ordem física ou psicológica para você, a menos que lembre de um fato traumático.

Ciente e de acordo com o que foi anteriormente exposto, eu _____

_____, estou de acordo em participar desta pesquisa, autorizando o uso desse material para uma eventual publicação do trabalho, assinando este consentimento em duas vias, ficando com a posse de uma delas.

Porto Alegre _____, de _____ de 20____

Assinatura Pesquisador responsável
